

MEMÓRIAS EFERVESCENTES: ESTUDANTES, ARTISTAS E OS MOVIMENTOS CULTURAIS EM SERGIPE EM TEMPOS DE SOMBRAS

José Vieira da Cruz¹

Resumo

As duas décadas que se seguiram ao golpe de 1964 fazem parte de um passado ainda muito presente. As discussões historiográficas e os estudos relacionados à construção social dessa memória, a partir das contribuições da história oral e dos documentos escritos disponíveis, revelam a atuação de estudantes, artistas e movimentos culturais em Sergipe. Estes atores sociais redimensionaram as suas experiências e expectativas sobre a discussão política com relativa irreverência, um pouco de liberalidade e, sobretudo, revelando diferentes entrelaçamentos sociais. O entendimento das tensões vividas e produzidas por parte da sociedade em Sergipe frente à nova ordem política estabelecida à sombra do golpe civil-militar de 1964 expõe um ângulo de análise capaz de ressaltar particularidades da arte e da cultura política fora dos grandes centros urbanos do país.

Palavras-chave: História, memória, estudantes, artistas, movimentos culturais

Abstract

The two decades that followed the coup d'état in 1964 are part of a past still present. Historiographic discussions and related studies to the social construction of memory, from the contributions of oral history and documents available, show the performance of students, artists and cultural movements in Sergipe. These social actors redefined their experiences and expectations on the discussion on politics with irreverence, a little generosity and, above all, revealing different social interlacing. The understanding of the experienced and produced tensions by the society from Sergipe forward to the new political order established in the shadow of civil-military coup d'état in 1964 shows an angle of analysis able to project some details of art and political culture outside the major urban centers of the country.

Keywords: History, Memory, students, artists, cultural movements

Introdução

A participação da sociedade – em particular dos estudantes, dos artistas e dos movimentos artístico-culturais –, nas discussões relacionadas às reformas nacionalistas e populares marcaram o cenário político nos anos finais da crise do populismo no Brasil (MARTINS FILHO, 1987; RIDENTI, 2000). Após o golpe civil-militar de 1964, os segmentos da sociedade anteriormente acostumados a participar dos debates do nacional-popular na cultura brasileira, são compelidos a se amoldar a uma nova ordem política e sua

¹ Doutorando em História Social/UFBA. Prof. da Universidade Tiradentes/SEED/SEMED. E atual diretor da ANPUH/SE. E-mail: josevieiradacruz@uol.com.br

Ideologia de Segurança Nacional, o que em termos práticos representava o cerceamento da liberdade de expressão, a censura e a repressão (ALVES, 1985)

O golpe se impôs como um divisor de águas interrompendo os movimentos/experiências que vinha sendo construídos desde meados dos anos 50 no campo da educação e cultura popular, no teatro, na música e em outras áreas de confluências das vanguardas políticas e culturais do período (FÁVERO, 1983; NAPOLITANO, 2001). Dentre estes movimentos cabe destacar a atuação do Centro Popular de Cultura da UNE - CPC da UNE, que percorreu as principais cidades do país mobilizando estudantes, universitários e secundaristas, através de apresentações artístico-culturais e seminários em torno de suas idéias e ações políticas (GARCIA, 2004).

Entender como a sociedade em Sergipe, em particular os segmentos estudantis e artísticos, passaram a se posicionar em face desse contexto histórico se coloca como objeto de estudo deste artigo. Apesar dos artistas e dos estudantes, em particular os relacionados ao ambiente da cultura universitária, não terem sido os únicos segmentos da sociedade a expressarem descontentamento com a ordem política que se configurava, as fontes disponíveis, escritas e orais, e as pesquisas já realizadas apontam o seu lugar de destaque enquanto vanguarda política e cultural neste período de autoritarismo (CRUZ, 2003; DANTAS, 2004).

Recorte temporal que tem início no mês de abril de 1964, com a ruptura institucional desencadeada com a deposição do presidente da república João Goulart, em âmbito nacional, e do governador do Estado de Sergipe João de Seixas Dória, em âmbito local, e, a conseqüente, instauração do regime militar. Ruptura intensificada em 1968 quando a ditadura suspendeu as garantias individuais estabelecidas pelo “Estado de Direito”. Nas sombras destes acontecimentos parcelas do movimento estudantil e artístico cultural, por vezes, entraram em descompasso com o regime militar. Processo histórico que se estende até os idos de 1984 quando os primeiros sinais da reorganização da sociedade brasileira anunciam o início de novos ventos e horizontes para sociedade brasileira (KINZO, 2001).

A organização do Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe e a disponibilização de documentos do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFS dos anos 1970 e 1980 salvaguardados junto ao Museu do Homem Sergipano se insere como os primeiros indícios da existência de fontes escritas sobre a atuação de estudantes e artistas envoltos em torno da cultura universitária no período da ditadura. Estes documentos revelam a importância das práticas políticas e culturais assumidas ou incorporadas pelos jovens na sociedade no período, como também apontam, ótica da cultura estudantil, como a sociedade

civil vivenciou, em Sergipe, a fase da distensão e da abertura política ocorrida nos anos de 1977 a 1985. A estes documentos somam-se nos últimos anos uma série de entrevistas orais que alargam o conhecimento a despeito da interpretação daqueles que atuaram nas vanguardas políticas e culturais do período em apreço.

As efervescentes memórias de um golpe de Estado

Olha as primeiras 62 horas foi uma depressão horrível. Teve gente que foi presa logo no dia, eu foi preso em maio, ali não era somente o medo de ser preso. A acabou. O ano parou. E agora! E agora! Vou voltar a apoiar concurso de miss, os dez mais elegantes. Toda a alienação da sociedade voltou. O que o movimento de política popular estava começando a inibir, ficou um vazio! Ficou um vazio! (...) um silêncio profundamente eloquente!...(Clodoaldo de Alencar Filho, entrevistado pelo autor em 15/09/98)

Os anos 60 forjaram experiências, expectativas e memórias diversas sobre o processo político desencadeado pelos militares e apoiado por parte da sociedade civil por ocasião do golpe de 1964. Em Sergipe, entre os estudantes e artistas que figuraram em meio aos movimentos culturais, sobretudo os relacionados aos movimentos de educação e cultura popular, o comentário de Clodoaldo Alencar, à época radialista, ator e jovem licenciado em letras, ilustra um dos pontos de vista mais evidenciados por aqueles que tomaram parte no “movimento de política popular”. Esse movimento é delineado, com maior riqueza de detalhes, na fala de Alexandre Filizola Diniz, à época militante da Juventude Universitária Católica e membro do Centro Popular de Cultura de Sergipe. Para esse interlocutor,

o governo Seixas Dória não foi homogêneo, tínhamos uma aproximação com a Secretaria de Estadual de Educação, recebendo até financiamento para montagem de algumas peças do CPC. Entretanto, quando do nosso protesto contra a passagem do embaixador Lincon Gordon a Sergipe, ocorreu até a prisão de uma estudante que estava em carro de som, foi preciso eu conversar com o secretário de segurança na época meu professor na Faculdade de Filosofia, na ocasião ele me prometeu retirar os soldados e assim podemos continuar a manifestação (Alexandre Filizola Diniz, entrevistado pelo autor em 12/03/98)

Analisando a experiência desse relato observa-se que, apesar da não homogeneidade do governo de Seixas Dória, fruto do amplo leque de alianças que lhe conferia sustentação política ao seu governo, ele financiou o movimento de educação de cultura popular do qual o Centro Popular de Cultura da União Estadual dos Estudantes (universitários) de Sergipe – CPC da UEES, e no qual Alexandre Diniz a época era o presidente, e ainda atuava no elenco

artístico e nas ações pedagógicas. Mencionar a letra do hino deste centro é um bom exemplo para ilustrá-lo:

Centro de Cultura
Vai apresentar
A todos vocês (bis)
A Cultura Popular

A cultura que vem do povo
Cultura para libertar
Cultura do grupo novo (bis)
Cultura Popular

Povo de Sergipe
Povo brasileiro
Escute com atenção
Nosso grito de guerreiro
Grito de luta de toda a nação
Que levará o povo à revolução

(Alexandre Filizola Diniz, entrevistado pelo autor em 12/03/98)

Uma análise desta composição revela uma preocupação dos membros do CPC da UEES em trabalhar suas mensagens, levando em consideração as manifestações populares denotadas de "folclore" ou "arte vinda do povo". A posição dos estudantes sergipanos, frente a esta questão, parece não ter se limitado a rotular este tipo de arte como mitificada e alienante, como prescrevia o corolário do Manifesto do CPC da UNE publicado em 1962. Ao que parece, ocorreu uma mediação entre as premissas estéticas e políticas difundidas pelo movimento cepecista, e, a valorização/apropriação de experiências já enraizadas na cultura local.

Esse projeto político-cultural que vinha sendo desenvolvido pelos estudantes e artistas em Sergipe, foi incorporado, gradativamente, ao pólo governamental, através da participação de estudantes universitários junto à Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Saúde na gestão do governador João de Seixas Dória. A entrevista concedida, por Zelita Correia, então estudante do curso de Direito, membro do CPC da UEES e coordenadora estadual do Movimento de Cultura Popular indica o relativo grau de entrelaçamento destas experiências/movimento. Ela informa à reportagem a realização nos dias 25 a 27 de novembro de 1963 da “ a realização do I Encontro Estadual de cultura Popular, sob os auspícios do MCP, MEB e UEES(...) (...) o I Encontro Estadual marcará uma nova etapa no programa de expansão da cultura popular...” (Gazeta de Sergipe 16/10/63).

Apesar das estratégias utilizadas pelo CPC da UEES, assim como, pelos demais grupos de estudantes e artistas que constituíam o Movimento de Cultura Popular, para politizar o público que os assistia, percebeu-se a necessidade de outros elementos para a

conscientização do povo, além de um tempo maior para realização deste objetivo. Segundo Alexandre Diniz "o povo percebia mais o lodo satírico das apresentações, mais aquilo não era o suficiente para a sua politização. Acho que essa foi a conclusão da maioria de seus participantes." (Entrevistado em 12/03/98).

Essa avaliação, ainda que feita posteriormente ao fim do movimento em estudo, e seletivizada pelos traumas e cicatrizes que ele provocou nas lembranças de alguém que foi preso e teve sua vida removida por Inquéritos Policiais Militares – os famosos IPM's –, reveste-se de ricos significados a respeito da memória e da história das discussões em apreço (FERREIRO, 2002; SILVA, 2002; POLLAK, 1992). De qualquer forma, esta e outras experiências no campo da música, do teatro, dos clubes de cinema e de atuação dos movimentos de educação popular foram interrompidas ou redimensionados com o golpe de 1964.

Após o golpe as prisões foram aumentando em razão do clima de delação que se instalava. Parte da sociedade brasileira havia apoiado o golpe, em Sergipe a exemplo, alguns segmentos estudantis, também participaram da "Marcha Por Deus e Pela Liberdade" defendendo a nova ordem política. Contudo, apesar das muitas prisões, em relação ao IPM's do movimento estudantil, apenas os líderes do movimento ligados a cultura e educação popular foram processadas:

Fiquei ainda um mês preso, depois passei a responder o Inquérito Policial Militar - IPM sobre o movimento estudantil. No início, era um processo civil e ficou se arrastando até que a partir de 68, com o AI-5, deram andamento. Os processos ficaram reduzidos a mim, Zelita e Chico Varela. Esses processos que eram civis, passaram a se tornar militares e eu tinha de prestar depoimento na Junta Militar de Salvador. Os processos eram organizados por tenentes que muitas vezes na dominavam o campo jurídico e nos acusaram de um crime que antecedia a própria lei e, depois de muitas pressões, fomos absolvidos. (Alexandre Diniz, entrevistado em 12/03/98).

Arte e política em tempos autoritários

“...o fel do agora
amarga
mas é ilusório
as botas esmagam
mas pisam o transitório...” (JORGE, 1982:42)

A alegoria figurativa das “botas” que “esmagam” representa – nas palavras do então estudante do Colégio Estadual de Sergipe, e posteriormente líder estudantil universitário, repórter e poeta Mário Jorge - um exemplo de rejeição ao cerceamento dos

ventos democráticos que desde meados dos anos 40 vinham potencializando movimentos e experiências de educação e cultura popular em várias partes do país.

Em Sergipe, o descompasso provocado pelo golpe civil-militar de 1964 também se fez sentir na sociedade. E neste particular, os indícios já pesquisados destacam o posicionamento político assumido por alguns estudantes, artistas e militantes de esquerda. Protagonistas que se somaram aos inúmeros participantes dos movimentos populares de cultura que tiveram seus espaços de atuação redimensionados, censurados e, até proibidos, como nos casos dos movimentos de educação e cultura popular, dos grupos teatrais e dos sindicatos. Os registros da ação dos estudantes no período apontam para sua atuação política e cultural nas ruas centrais de Aracaju, capital do Estado, no período relacionado às faculdades isoladas ao longo dos anos 60. As frases colocadas no trote dos calouros aprovados no vestibular de 1967, ainda nos tempos das faculdades isoladas, um ano antes da criação da Universidade Federal de Sergipe, em 1968, ilustram essa crítica irreverente e política:

“A Revolução e a Democracia:
Revolução ajudou a Democracia”.
“A Energipe é ...
De parabéns a Energipe que proporcionou o aumento da população”.
“Matemática Moderna:
Matemática moderna o Progresso dos Estados Unidos está
diretamente proporcional ao subdesenvolvimento do Brasil”
“Castelo:
Castelo, casarão velho que vive nos assustando com histórias de
Fantasmas”. (Gazeta de Sergipe, 12 de março de 1967).

E ainda, nos corredores do campus da Universidade Federal de Sergipe, já no atual campus universitário, situado na cidade de São Cristóvão, a partir dos anos 70, pelos novos espaços de socialização cultural como o Clube da Sexta, no Centro de Cultura e Arte, no hall do Restaurante Universitário, e nos festivais de arte e cultura fomentados pelas “políticas culturais” dos governos militares. Nesta fase os estudantes universitários parecem ter mantido acesa a participação da sociedade em torno de temas internacionais como as questões da Nicarágua, El Salvador e do Chile; e de temas nacionais como a defesa da Amazônia, das liberdades fundamentais, da luta pela anistia, contra a elevação do custo de vida, pela Reforma Universitária, pela exploração do petróleo brasileiro e pela redemocratização do país.

Somado a estas bandeiras, no plano local se teciam as lutas pela meia passagem, contra o aumento das passagens de ônibus, pela meia entrada nos cinemas e teatros, pela liberdade dos diretórios acadêmicos, pela eleição direta para o DCE e pela eleição do

reitor/UFS sem ingerências alheias aos interesses da comunidade universitária (CRUZ, 2007). Na senda destas discussões as manifestações políticas culturais se apresentam como um campo de conhecimento revelador da postura de parte da sociedade no período. Postura que nas décadas de 70 e 80 contribui na luta engendrada no processo de abertura política e de redemocratização do país.

Fazer mostras culturais, exposições, mostras de cinema, ou seja, tava começando a se pensar mecanismos de atração dos alunos que não fossem apenas chamadas políticas diretas, partindo por viés de natureza de produção artístico culturais é um pouco destes caminhos. (Entrevista concedida Antônio Bitencourt Júnior em 06/11/2008)

A respeito do Festival de Arte de São Cristóvão, criado em 1972 para uma dupla comemoração/rememoração relacionada ao sesquicentenário da independência do Brasil e de Sergipe, teve no decurso de tempo até 1984 a intenção de controlar a produção cultural de estudantes, artistas e intelectuais que envolvidos com as vanguardas políticas e culturais, sobretudo no meio universitário, a exemplo do que foi feito no Festival de Inverno de Ouro Preto, aglutinaram a produção cultural local e artística em torno destes eventos alcançando grande repercussão nos meios de comunicação e atraindo grandes públicos (ORTIZ, 1984). Não obstante a intenção do Estado em controlar a produção cultural no período enfocado, estudantes e artistas parecem ter redimensionado os usos dos espaços criados e inovaram com criatividade e irreverência a discussão política do país em Sergipe no período de vigência do autoritarismo, ainda que sob as sombras dos holofotes do crivo da censura e dos órgãos de segurança e informação (CARVALHO, 2008).

Os usos e redimensionamentos dos espaços do FASC por parte de estudantes, artistas, intelectuais e do conjunto do público que os prestigiava permitiram que ele se transformasse em ponto de encontro para se discutir a política do período autoritário com irreverência e um pouco de liberalidade. Essa postura motivou de modo tácito e expreso alguns atos de censura. Segundo Bezerra (2000), não obstante a sua dimensão política a censura tinha um forte componente moral em face da associação religiosa dos organizadores do festival. Não é demais lembrar que parte da sociedade, aí inclusa a ala conservadora da Igreja Católica, havia apoiado o golpe, e, como o festival era realizado em frente aos monumentos históricos e religiosos da cidade, foi interpretada como espécie de afronte a moral eclesiástica de alguns destes intelectuais católicos. E dentre eles a do arcebispo D. Luciano Cabral do Duarte, personalidade intelectual atuante no Conselho Federal de

Educação durante os anos que se seguiram o regime militar, um dos articuladores responsáveis pela criação da Universidade Federal de Sergipe, em 1968.

Em Sergipe, além da luta pela criação da Universidade Federal de Sergipe em 1968 - movimento do qual os estudantes tomaram parte desde as primeiras discussões a respeito engendradas a partir de 1958, a partir de meados dos anos 70 a reorganização das entidades representativas dos estudantes fechadas ou submetidas ao controle imposto pelo A-5 em 1968, possibilitou a retomada de discussões pela modernização do país e da necessidade de sua redemocratização, como também propiciou a abertura de espaços para novos horizontes de luta relacionados a questão da mulher, meio ambiente, ocupações urbanas irregulares, negros, e índios.

Cabe ainda ressaltar o lugar de destaque da universidade e de seus estudantes na luta pelos direitos dos índios Xocós. Além destas lutas nas fileiras do movimento estudantil universitário esses atores passaram participar ativamente da política partidária fazendo parte do Movimento Democrático Brasileiro – MDB e, mesmo, dos quadros da Aliança Renovadora Nacional – ARENA. E das sendas de suas fileiras surgiram importantes quadros do PFL, atual DEM, PMDB, PSDB, PSB, PCB, PC do B, PT e PV, assim como, nomes importantes da intelectualidade e das artes no Estado.

Considerações finais

Neste sentido, o encontro da arte e política estudantil durante o regime militar com os canteiros da história proporciona na discussão em esboço a possibilidade de privilegiar uma abordagem a respeito de como parte da sociedade em Sergipe, a partir do segmento estudantil e artístico, vivenciou esse período turbulento da História Brasileira.

No escopo desta reflexão percebemos a necessidade de efetuar um diálogo mais efetivo entre as discussões historiográficas a despeito da participação da juventude na sociedade, em particular do segmento estudantil, com a memória social de atores e atrizes sociais que no período em estudo exerceram essa condição/identidade social e cultural. E, sobretudo entender como eles a partir de suas lembranças, esquecimentos e interesses ajudam a (des)construir a História deste passado ainda muito presente. Passado esse que ainda não foi devidamente estudado e não esgotou as lições e entendimentos que pode proporcionar para a história e a cidadania brasileira.

Referências bibliográficas

- ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado oposição no Brasil (1964-1984)**. 3 ed. São Paulo: Vozes, 1985.
- BEZERRA, Gildo A. **Em Tempos Autoritários**: Incursões em Torno da Produção Cultural Censurada em SE (1964-1979). São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2000. (monografia de graduação).
- CARVALHO, Gislaine Santos. **Espionagem, vigilância e perseguição**: a história da AESI em Sergipe. São Cristóvão: UFS, 2008. (monografia de graduação).
- CRUZ, José Vieira da. “O engajamento político-cultural dos estudantes sergipanos no início dos anos 60” in: **Caderno do Estudante**. São Cristóvão: UFS/CIMPE, v.2, 1999, pp.99-114.
- _____. **Juventude e Identificação Social**: Experiências Culturais dos Universitários em Aracaju/SE (1960-1964). São Cristóvão/SE: UFS, 2003. (Dissertação).
- _____. **Documentos de uma História**: Atuação dos Estudantes em Sergipe nas décadas de 1970 e 1980. Boletim ANPUH/SE, 2007.
- DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- GARCIA, Miliandre. A questão da cultura popular: as políticas culturais do centro popular de cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). **Rev. Bras. Hist.** [online]. 2004, v. 24, n. 47, pp. 127-162.
- FÁVERO, Osmar (Org.). **Cultura popular educação popular**: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “História, tempo presente e história oral”. In: **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 324.
- FICO, Carlos. “Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar” in: In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.24, n°47, jan-jun, 2004, pp.29-60.
- JORGE, Mário. **Poemas de Mário Jorge**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1982, p.42.
- KINZO, MARIA D'ALVA G.. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. **Revista Perspectiva**. , São Paulo, v. 15, n. 4, 2001
- MARTINS FILHO, João Roberto. **1968 faz 30 anos**. Campinas/SP: Mercado das Letras; Paulo, SP: Editora da Universidade de São Carlos, 1998.
- MENEZES, Magna. **As Idéias Cepecistas no Teatro Gato de Botas em Aracaju**: 1962 - 1964. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 1998. (monografia de graduação).
- Napolitano, Marcos. “A arte engajada e seus públicos (1955/1968)”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.
- MIRANDA NETO, Onesino Elias et. alli. **Cinéfilos em ação**: A história do Clube de Cinema de Sergipe (1960-1969). Aracaju: Curso de História/UNIT, 2007. (monografia de graduação).
- NAPOLITANO, Marcos. “A arte engajada e seus públicos (1955/1968)”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.
- POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1992.
- _____. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira Identidade Nacional**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RIDENTI, Marcelo. **Em Busca do Povo Brasileiro**: Artistas da Revolução, do CPC à era da TV. São Paulo: Record, 2000.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n° 44, 2002, pp. 425-438.